



RELISE

VIDA PESSOAL E VIDA PROFISSIONAL: UM DESAFIO PARA MULHERES EMPREENDEDORAS¹

*PERSONAL LIFE AND PROFESSIONAL LIFE: A CHALLENGE FOR
ENTREPRENEURS*

Carlos Otávio Senff²

Claudineia Kudlawicz Franco³

Roseli Maria Schmidmeier⁴

RESUMO

A participação das mulheres no mercado de trabalho é maior a cada ano, e por isso ampliar a compreensão dessa realidade é importante. O presente estudo tem por objetivo analisar os desafios entre a vida pessoal e vida profissional de mulheres empreendedoras da cidade de Mafra, estado de Santa Catarina. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi realizado uma pesquisa exploratória, qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas com empreendedoras, sendo realizada a análise de conteúdo. Constatou-se que estas mulheres consideram a flexibilidade de horário como ponto fundamental para a harmonização das demandas do trabalho e da família. Embora estejam constantemente preocupadas com seus empreendimentos, o sentimento de realização pessoal e o suporte de cônjuges, familiares e sócios colaboram no alcance dos desafios. Constatou-se ainda, que algumas características específicas às atividades exercidas pelas empreendedoras se constituem em variáveis adicionais que interferem nesta relação, indicando que estudos sobre equilíbrio entre vida pessoal e vida profissional das empreendedoras devem considerar o ramo de atividade em que atuam.

Palavras-chave: empreendedorismo, mulheres, vida pessoal, trabalho-família.

¹ Recebido em 16/02/2021. Aprovado em 08/03/2021.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná. carlos.senff@gmail.com

³ Pontifícia Universidade Católica do Paraná. kclaudineia@gmail.com

⁴ Universidade do Contestado.



RELISE

192

ABSTRACT

The participation of women in the labor market is greater each year, and therefore broadening the understanding of this reality is important. The present study aims to analyze the challenges between the personal life and professional life of women entrepreneurs in the city of Mafra, Santa Catarina state. For the development of this research, an exploratory, qualitative research was conducted, through semi-structured interviews with entrepreneurs, and content analysis was performed. It was found that these women consider the flexible hours as a fundamental point for the harmonization of the demands of work and family. While they are constantly preoccupied with their endeavors, the sense of personal fulfillment and support of spouses, family members and partners contribute to the achievement of the challenges. It was also verified that some characteristics specific to the activities carried out by the entrepreneurs are additional variables that interfere in this relation, indicating that studies on the balance between personal life and the professional life of the entrepreneurs should consider the branch of activity in which they work.

Keywords: entrepreneurship, women, work-family balance.

INTRODUÇÃO

A participação das mulheres no mercado de trabalho, em particular das casadas e com filhos, tem aumentado de forma linear no Brasil nos últimos 20 anos. Muitas razões, sejam econômicas ou não econômicas, têm sido indicadas para explicar essa mudança de comportamento, cuja trajetória parece desenhar-se no lastro da modernidade ocidental.

O peso feminino crescente na população economicamente ativa (PEA) (IBGE, 2016), e na atividade econômica dos mais diversos países, vem tornando a análise da incorporação da mulher no mundo do trabalho uma questão prioritária em todo o mundo. Em função das suas especificidades e diferenciais em relação ao universo masculino, a análise desse movimento quantitativo inexorável traz ainda à tona diversas outras questões relacionadas à qualidade do trabalho feminino como as de representatividade, igualdade salarial e, especialmente, das relações entre trabalho e família. Isso deve-se ao



RELISE

193

fato de essas mulheres ainda terem grandes responsabilidades domésticas, precisam buscar estratégias para amenizar os conflitos existentes entre estas duas importantes instâncias de suas vidas.

Fatores como nível educacional, busca voluntária por oportunidades e outros podem interferir na busca por novos empreendimentos (DAVIDSON; HONIG, 2003, SHANE, 2000), WILLIAMS; WILLIAMS, 2014). Podem ser definidas estratégias específicas e individuais das diferentes mulheres. Os indivíduos podem ser impulsionados a buscar alternativas de sustento, seja outro emprego assalariado ou um negócio próprio. Os empreendedores, mesmo em condições financeiras favoráveis, visam no mercado oportunidades de melhoria financeira ou autonomia pessoal e também se tornam donos do próprio empreendimento, podem ser movidos tanto por necessidade quanto por oportunidade (AIDIS et al., 2007; WILLIAMS, 2008; WILLIAMS; ROUND, 2009).

Neste contexto, o presente estudo tem por objetivo buscar maior entendimento sobre este importante e ainda pouco conhecido universo das empreendedoras femininas, a partir da análise das questões indicadas por empreendedoras entrevistadas para lidar com sua vida familiar e profissional. Este estudo justifica-se por buscar informações sobre a realidade empreendedora feminina, que permitindo um melhor conhecimento de suas características e problemas específicos, contribuindo para o fortalecimento do debate e do entendimento da posição da mulher no novo contexto econômico brasileiro e em específico, das mulheres empreendedoras mafrenses.

AS MULHERES EMPREENDEDORAS

Com a finalidade de incentivar e promover uma cultura empreendedora no Brasil e entender o perfil empreendedor do brasileiro, o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP) encontra-se à frente da Pesquisa GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*), tendo como principal parceiro em seu



RELISE

194

trabalho, o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). E ainda, na edição de 2011, contou com a colaboração da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, Sesi-PR, Fundação Getúlio Vargas, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Tecnologia do Paraná. Nesta edição também participaram da pesquisa 54 países, sendo esta a 12ª edição do GEM na qual o Brasil participou.

O GEM iniciou suas atividades em 1999, fruto de uma parceria entre *Babson College* e *London Business School*, duas escolas internacionalmente reconhecidas e envolvendo 10 países. Atualmente o GEM é um projeto consolidado, já realizado em mais de 86 países nos cinco continentes, e consolidando-se como uma referência e uma fonte importante de informações sobre empreendedorismo para pesquisadores do tema (GEM, 2011). Seu principal objetivo é mensurar o envolvimento dos indivíduos na criação de novos negócios, ou seja, o empreendedor em estágio inicial.

O Brasil possui atualmente a 3ª maior população empreendedora, em números absolutos, entre os 54 países estudados. Isso evidencia a necessidade de ter permanentemente uma política voltada para o estímulo ao empreendedorismo, identificando suas limitações, determinações e incentivos principalmente num país como o Brasil, que se encontra em fase de desenvolvimento econômico e social, além do tecnológico que torna a competitividade mais acirrada e determina que as empresas busquem novas alternativas para permanecerem existindo num mercado altamente globalizado (SOUZA; GUIMARÃES, 2006) e para a criação de um ambiente favorável aos pequenos negócios (GEM, 2011).

Mais recentemente, uma pesquisa realizada pelo GEM em 2016 indicou o Brasil como o sexto país mais empreendedor do mundo. A supremacia do empreendedorismo masculino é destacada na maior parte dos países, mas no Brasil esses percentuais estão bem aproximados, sendo a taxa



RELISE

195

específica de empreendedorismo inicial de 19,9% de mulheres e 19,2% de homens (GEM, 2016), estando à frente de países como Estado Unidos, China e Índia. Esta liderança feminina entre os empreendedores infere uma reflexão exatamente sobre a situação de maior desemprego das mulheres em relação aos homens em idade economicamente ativa e ainda, de crescimento das suas necessidades de cuidar sozinhas do sustento da casa e dos filhos.

Pelo fato de ainda terem grandes responsabilidades domésticas, procuram pelo auto-emprego, organizam sozinhas os seus horários, não estando presas a cargas horárias rígidas, podendo assim amenizar os conflitos entre sua vida familiar e sua vida profissional. Mesmo no caso das mulheres que entram no mundo empreendedor devido à identificação de uma oportunidade, e não apenas por necessidade. Um dos principais motivos que as levam a buscar o auto-emprego é a flexibilização de horário que este tipo de trabalho proporciona (BUTTNER; MOORE, 1997).

Este fato seria decorrente do papel social inerente à mulher de responsabilidade com a família. Existem argumentos de que as diferenças encontradas entre homens e mulheres empreendedores podem ser explicadas por meio das tradições da sociedade e da persistência da ideia de que as mulheres têm a responsabilidade primária e fundamental de cuidar da casa e da família (LJUNGREEN; KOLVEREID, 1996). Assim, durante muito tempo, a mulher tem sido responsável pelos afazeres domésticos, a sociedade ainda apresenta pressões e expectativas quanto ao papel feminino de ligação com o lar.

FAMÍLIA X TRABALHO EMPREENDEDOR

O conflito trabalho e família emergiu a partir da segunda metade do século XX, quando esposas e mães entraram no mercado de trabalho. A mulher, que antes tinha o papel único de cuidar da casa e do lar, passou a ter a



RELISE

196

necessidade de dividir seu tempo entre a casa e o trabalho (PARASURAMAN; GREENHAUS, 1997). Dessa forma, o conflito entre trabalho e família é definido como uma forma de luta entre papéis em que as pressões do trabalho e da família são mutuamente incompatíveis em alguns aspectos (BOYAR et al., 2003). Diversos autores fazem distinção entre os conflitos trabalho-família e família-trabalho (BOYAR et al., 2003; FU; SHAFFER, 2001). O primeiro significa a interferência do trabalho na vida familiar e o segundo, conflito entre família-trabalho, a influência das características da família na vida profissional de um indivíduo.

Parasuraman, Yasmin e Godshalk (1996) exemplificam estes conflitos a partir do controle de tempo. Quanto mais tempo o indivíduo se dedica ao trabalho, menos tempo terá para dedicar-se à família, havendo interferência do domínio profissional no domínio familiar, aumentando desta forma o conflito trabalho-família. Por outro lado, quanto mais tempo se dedicar à família, menos tempo terá para o trabalho, aumentando neste caso o conflito família-trabalho.

A questão ganha complexidade na medida em que mulheres, especificamente mães, que trabalham apresentam melhores índices de bem-estar e de satisfação do que aquelas que não trabalham (CHERLIN, 2001, VANDEWATER; OSTROVE; STEWART, 1997). Tais dados sugerem a necessidade de modificar o pensamento em relação ao trabalho feminino, de questionar o tabu do fardo que o trabalho fora do lar representa para as mulheres. Como observa Cherlin (2001), uma vida que contempla trabalho e maternidade traz satisfação e sentimento de realização à protagonista.

Dessa forma, o desempenho de múltiplos papéis contribui para o aumento das fontes de satisfação (POSSATI; DIAS, 2002), e, portanto, transitar simultaneamente nos espaços públicos e privados pode se constituir como um fator enriquecedor e, não, de estresse e culpa. Por outro lado, embora muitos observadores do comportamento feminino atribuam às mulheres uma aptidão



RELISE

197

para pensar e fazer diversas coisas simultaneamente e considerem a multiplicidade de papéis uma característica do universo feminino, faz-se necessário ganhar uma melhor compreensão acerca das formas utilizadas pelas mulheres para lidar com tal multiplicidade. Neste sentido, segundo Uchitelle (2002), as mulheres têm encontrado um meio termo entre trabalho e família.

A liderança feminina entre os empreendedores por necessidade parece refletir exatamente a situação, vista anteriormente, de maior desemprego das mulheres em relação aos homens em idade economicamente ativa e ainda de crescimento das suas necessidades de cuidar sozinhas do sustento da casa e dos filhos. Capowski (1992) destaca também o empreendedorismo como uma opção interessante de geração de trabalho e renda para as mulheres. Por esta razão, o empreendedorismo se tornaria uma alternativa para que pudessem ter controle sobre o seu tempo, futuro e destino profissional. Assim, as carreiras das mulheres não podem ser compreendidas analisando-se sob uma perspectiva masculina, pois os homens geralmente empregam primeiramente as suas energias na vida profissional, enquanto as mulheres têm de equilibrar a sua energia tanto na vida familiar quanto profissional (BUTTNER; MOORE, 1997).

Desta forma, segundo Buttner e Moore (1997), mesmo no caso das mulheres que entram no mundo empreendedor devido à identificação de uma oportunidade, e não apenas por necessidade, um dos principais motivos que as levam a buscar o auto-emprego é a flexibilização de horário que este tipo de trabalho proporciona. Pelo fato de ainda terem grandes responsabilidades domésticas, as mulheres procuram, por meio do auto-emprego, organizar os seus horários: não estando presas a cargas horárias rígidas, podem assim amenizar os conflitos entre sua vida familiar e sua vida profissional. Este fato



RELISE

seria decorrente do papel social inerente à mulher de responsabilidade com a família.

Existem argumentos de que as diferenças encontradas entre homens e mulheres empreendedores podem ser explicadas por meio das tradições da sociedade e da persistência da ideia de que as mulheres têm a responsabilidade primária e fundamental de cuidar da casa e da família (LJUNGREEN; KOLVEREID, 1996). Assim, como durante séculos, a mulher tem sido responsável pelos afazeres domésticos, a sociedade ainda apresenta pressões e expectativas quanto ao papel feminino de ligação com o lar.

Com isto, Capowski (1992) ressalta que, embora as empreendedoras passem a ter liberdade de organizar o seu dia-a-dia, elas acabam tendo de trabalhar muito mais. A jornada comum de oito horas de trabalho diárias – em um emprego tradicional – passa a ser mais extensa para aquelas mulheres que têm o seu próprio negócio. Muitas vezes trabalham de doze a catorze horas por dia, principalmente no início do empreendimento.

Além disso, o fato de ter investido recursos em uma empresa que é de sua inteira responsabilidade acaba por acarretar preocupações que, por vezes, aumentam o estresse. O fato de trabalhar mais implica, muitas vezes, abrir mão das férias, do lazer e do convívio social. Há uma preocupação constante também com a responsabilidade de garantir o pagamento dos funcionários e o consequente bem-estar destes e de suas famílias.

No que diz respeito à liderança feminina em uma pequena empresa e o seu tamanho, nota-se que elas procuram manter um lento crescimento de sua organização, visando preservar sua qualidade de vida, manter contato mais próximo com empregados e clientes e, principalmente, estar à frente das operações, o que lhes dá prazer. O fato de elas preferirem manter a sua empresa pequena também é influenciado pela questão trabalho e família: quanto maior for o porte do empreendimento, mais tempo terão de despende



RELISE

com o trabalho e, conseqüentemente, menos tempo terão para a vida familiar (GOSSELIN; GRISE, 1990).

Dessa forma, devido a esta característica, esses empreendimentos tendem a não ser levados a sério pela maioria das pessoas e a não serem encarados como verdadeiros negócios. Por isto os autores sugerem a necessidade de um novo critério para determinar o que seja verdadeiro negócio, que possa incluir também este novo modelo de negócio: pequeno e que deseja permanecer pequeno (LINDO, et al. 2007).

MÉTODO

Para o desenvolvimento da proposta foi realizada pesquisa exploratória, qualitativa, com dados coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas com dez mulheres empreendedoras, da cidade de Mafra, estado de Santa Catarina. As entrevistas foram gravadas integralmente, utilizando a análise de conteúdo para a extração dos pontos de interesse no estudo (BARDIN, 2011).

O primeiro contato com as participantes foi realizado por telefone ou pessoalmente, sendo as mesmas convidadas a participar de uma pesquisa sobre os desafios das empreendedoras. A maioria das empresárias foi muito receptiva concordando em conceder uma entrevista em suas empresas, com exceção de duas que se recusaram a participar do estudo, restando 10 empreendedoras. Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com base em dois estudos realizados com a mesma intenção, sendo os dois na cidade do Rio de Janeiro um por Jonathan e Silva (2007) e outro por Losada e Rocha-Coutinho (2007). Dessa forma, foi elaborado um roteiro com treze questões abertas e que na sua aplicação tiveram a duração de aproximadamente 20 minutos para cada entrevista.



RELISE

200

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes e em seguida transcritas de forma literal. Visando captar o universo de significações contidas nos discursos das empreendedoras, as transcrições foram submetidas a uma análise de conteúdo (BARDIN, 2011), cuja metodologia contemplou tanto um exame transversal (entre participantes) quanto um exame vertical (de cada participante) dos depoimentos.

Em seguida foi feita a organização da análise (disposição padrão dos textos), colocadas todas as entrevistas espalhadas de modo que se pudesse codificar os resultados (quantificação dos resultados), foi se tirando as análises e permitindo os resultados abaixo descritos.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados evidenciaram que as empreendedoras têm em média 37 anos, sendo 30% casadas, 10% solteiras e 60% separadas. Coerente com sua idade e seu estado conjugal, 90% possuíam filhos. Quase todas as empreendedoras contavam com ajuda nos cuidados com o lar, sendo que 40% possuíam empregados e 20% tinham o apoio de familiares, o restante das entrevistadas realizam suas tarefas domésticas, à noite.

Foi observado, também, que a maioria (90%) das empreendedoras está há mais de três anos no ramo empreendedor, e que elas estão bem estabelecidas no mercado na área de serviços (70%) e do comércio (30%). O profundo envolvimento das participantes com suas famílias e empresas revela que todas ocupam 80% de tempo conciliando as duas jornadas de trabalho, e destas 60% tiveram influência na hora de decidir qual negócio seguir. Outro ponto a ser destacado é que 80% possuem maior influência no orçamento familiar e que em 20% conseguem fazer atividades domésticas com ajuda de outra profissional.



RELISE

201

Embora não fossem mais frequentes, a relação família trabalho, foram considerados tranquilos nessa questão. Sendo que a maioria são responsáveis pelo orçamento familiar. A grande maioria das entrevistadas tem bom relacionamento no seu ambiente de trabalho, sendo muito notável que todas se ajudam entre si, inclusive, umas pedem às outras para pagar as contas. Nas entrevistas não foi possível perceber nenhum conflito com relação ao tempo dedicado ao trabalho, os desafios são conciliados com a ajuda de empregados e da família.

As entrevistadas apresentaram uma postura de comportamento onde para elas o principal “desafio” é realmente conseguir conciliar seu tempo com suas atividades. Ao falarem diretamente sobre aos desafios enfrentados (pessoais, profissionais e familiares) as empreendedoras reconhecem as dificuldades existentes, o que ficou bem visível no uso dos termos “difícil, complicado e corrido”, entre outros similares.

Diante das diferentes solicitações pessoais, familiares e profissionais, as empreendedoras mostraram que exerciam sua capacidade de administrar. Diante disso organizar-se quanto ao tempo disponível é um desafio vivido todos os dias. Algumas recorrem a familiares e pessoas ligadas ao trabalho. Portanto chega-se à seguinte conclusão, que todas as entrevistadas estão felizes com suas opções em empreender, que não trocariam o auto-emprego por um de carteira assinada com horários rígidos e sem possibilidade de atender sua família como gostariam.

Em torno de 80% das empreendedoras foram iniciando seu trabalho conforme a necessidade, entretanto ficaram no empreendedorismo por opção, por questões financeiras. Dentre as entrevistadas todas relatam que existem conflitos na família com relação ao trabalho, porém como 80% delas são responsáveis pelo orçamento familiar, conseguem resolver os conflitos e passam a superá-los para então estarem dispostas a enfrentar todos os



RELISE

202

desafios, nunca pensaram em desistir de seu negócio. Conforme uma das entrevistadas afirma “... *é uma loucura minha vida, acordar cedo, arrumar café, colocar uniforme, fazer as compras na hora do almoço, é uma correria, mas tudo dá certo...*”

O perfil das empreendedoras e dos seus empreendimentos, é semelhante aos revelados em pesquisas sobre empreendedorismo no Brasil, (JONATHAN, 2001, 2003; TEIXEIRA, BOMFIM, 2016). Os dados apontam que a família *versus* trabalho não é uma questão enfatizada por muitas empreendedoras, que 80% são mães, e se sentem muito satisfeitas e realizadas no exercício da sua profissão. Destaca-se também o forte compromisso com seus empreendimentos, manter ou mesmo aumentar sua dedicação nos negócios é um desejo expresso de muitas empreendedoras, conforme afirmado por uma delas “*prefiro deixar as coisas de casa, e me dedicar ao trabalho, isso me realiza*”.

No que diz respeito à liderança feminina em uma pequena empresa e o seu tamanho, nota-se que elas procuram manter um lento crescimento de sua organização, visando preservar sua qualidade de vida, manter contato mais próximo com empregados e clientes e, principalmente, estar à frente das operações, o que lhes dá prazer. O fato de elas preferirem manter a sua empresa pequena também é influenciado pela questão trabalho e família: quanto maior for o porte do empreendimento, mais tempo terão de despende com o trabalho e, conseqüentemente, menos tempo terão para a vida familiar (GOSSELIN; GRISE, 1990).

Portanto, segundo Buttner e Moore (1997), mesmo no caso das mulheres que entram no mundo empreendedor devido à identificação de uma oportunidade, e não apenas por necessidade, um dos principais motivos que as levam a buscar o auto-emprego é a flexibilização de horário que este tipo de trabalho proporciona. Pelo fato de ainda terem grandes responsabilidades



RELISE

203

domésticas, procuram, através do auto-emprego, organizar por si só os seus horários: não estando presas a cargas horárias rígidas, podem assim amenizar os conflitos entre sua vida familiar e sua vida profissional.

Dessa forma, devido a esta característica, esses empreendimentos tendem a não ter credibilidade pela maioria das pessoas e a não serem encarados como verdadeiros negócios. Por isto os autores sugerem a necessidade de um novo critério para determinar o que seja verdadeiro negócio, que possa incluir também este novo modelo de negócio: pequeno e que deseja permanecer pequeno (LINDO, *et al.* 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo ampliar o entendimento do universo das empreendedoras femininas, a partir de uma pesquisa exploratória, com análise das questões indicadas por empreendedoras entrevistadas para lidar com sua vida familiar e profissional.

A trajetória das empreendedoras é marcada pela busca da auto-realização. Deste modo, as mulheres sentem mais satisfação do que culpa ao construírem um projeto de vida centralizado no exercício do empreendedorismo ao qual se dedicam com afinco e estão muito bem comprometidas. A análise das experiências das empreendedoras entrevistadas são que elas inovam constantemente, criando alternativas para solucionar os conflitos que as desafiam, o que termina produzindo transformações no seu meio, tanto no trabalho, quanto na família e pessoal.

Porém, a reconfiguração dos espaços do trabalho e da família e dos papéis sociais a eles vinculados não é uma problemática a ser equacionada unicamente pelas empreendedoras, a harmonia do público com o privado é uma ampla questão social de responsabilidade de todos, independentemente do gênero e do tipo de ocupação no mercado de trabalho.



RELISE

204

Portanto, segundo Buttner e Moore (1997), mesmo no caso das mulheres que entram no mundo empreendedor devido à identificação de uma oportunidade, e não apenas por necessidade, um dos principais motivos que as levam a buscar o auto-emprego é a flexibilização de horário que este tipo de trabalho proporciona. Pelo fato de ainda terem grandes responsabilidades domésticas, procuram, por meio do auto-emprego, organizar os seus horários, não estando presas a cargas horárias rígidas, podem assim amenizar os conflitos entre sua vida familiar e sua vida profissional.

A trajetória das empreendedoras é marcada pela busca da auto-realização. Neste contexto, as mulheres sentem maior satisfação do que culpa ao continuarem em um projeto de vida direcionado ao empreendedorismo, ao qual sentem-se dedicadas com afinco, e geralmente comprometidas.

Por fim conclui-se que as empreendedoras da cidade de Mafra, então usando seu potencial econômico, e a inovação do empreendedorismo feminino estão avançando e estão atualizando seus empreendimentos para competir com o mercado, buscando sua satisfação pessoal. As empreendedoras da cidade de Mafra quando comparadas com as da cidade do Rio de Janeiro, almejam um único objetivo de empreender dentro daquilo que lhe é favorável, e fazendo aquilo que gostam.

REFERÊNCIAS

AIDIS, R.; WELTER, F.; SMALLBONE, D.; ISAKOVA, N. Female Entrepreneurship in Transition Economies: the Case of Lithuania and Ukraine. **Feminist Economics**, v. 13, n. 2, p. 157-183, 2007.

BARDAIN, Lawrence. **Análise de Conteúdos**. São Paulo: Edições 70, 2011

BOYAR, S.L.; MAERTZ, C.P.; PEARSON, A.W.; KEOUGH, S. Work-Family Conflict: A Model of Linkages Between Work and Family Domain Variables and Turnover Intentions. **Journal of Managerial Issues**, v.15, n. 2, p. 175-190, 2003.



RELISE

205

BUTTNER, E. H.; MOORE, D. P. Women's Organizational Exodus to Entrepreneurship: Self-Reported Motivations and Correlates With Success. **Journal of Small Business Management**, v. 35, p. 34-46, 1997.

CAPOWSKI, G. S. Be Your Own Boss? Millions of Women Get Down to Business. **Management Review**, p. 24, 1992.

CHERLIN, A. J. **Public and private families**: An introduction (3rd ed.). New York: Mc Graw Hill, 2001.

DAVIDSON, P.; HONIG, B. The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. **Journal of Business Venturing**, 18, 301–331, 2003.

FU, C. K.; SHAFFER, M. A. The tug of work and family: Direct and indirect domain-specific determinants of work-family conflict. **Personnel review**, v. 30, n. 5, p. 502-522, 2001.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2016** \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco. Curitiba: IBQP, 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>>. Acesso em 29 jun.2018.

GOSSELIN, L.; GRISE, J. Are Women Owner-Managers Challenging Our Definitions of entrepreneurship? An In-Depth Survey. **Journal of Business Ethics**, Abril-Maio 1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População economicamente ativa 2016**. Disponível em: <https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm>. Acesso em: 29 jul. 2018.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: quebrando alguns tabus. **Anais CD-ROM**, n. 69, p. 5-6, 2001.

_____, E. G. Empreendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro: dificuldades e tendências. **Encontro de Gestão Estratégica de Pequenas Empresas**, v. 3, 2003.

_____, E. G.; SILVA, T. M. R. **Empreendedorismo Feminino: Tecendo a Trama de Demandas Conflitantes**; Rio de Janeiro: 2007



RELISE

206

LINDO, M. R. et al. Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. **RAC-Eletrônica**, v. 1, n. 1, art. 1, p. 1-15, jan./abr. 2007.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Redefinindo o Significado da Atividade para Mulheres**; Maringá: 2007.

LJUNGREEN, E.; KOLVEREID, L. New Business Formation: does gender make a difference? **Women in Management Review**, v. 11, n. 4, p. 3-12, 1996.

PARASURAMAN, S.; GREENHAUS, J. H. **Integrating Work and Family: Challenges and Choices for a Changing World**. Westport, CT: Praeger Publishers, 1997.

PARASURAMAN, S.; YASMIN, S. P.; GODSHALK, V.M. Work and Family Variables, Entrepreneurial Career Success, and Psychological Well-Being. **Journal of Vocational Behavior**, v. 48, p. 275-300, 1996.

POSSATTI, Izabel Cristina; DIAS, Mardônio Rique. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 2, p. 293-301, 2002.

SHANE, S. Prior knowledge and the discovery of entrepreneurial opportunities. **Organization Science**, v. 11, p. 448–469, 2000.

SOUZA, E. C. L.; GUIMARÃES T. A. (Orgs.) (2006). **Empreendedorismo além do plano de negócios**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44-63, 2016.

UCHITELLE, L. **A middle way**: More moms find a balance for job and family. International Herald Tribune, 2002.

VANDEWATER, E. A.; OSTROVE, J. M.; STEWART, A. J. Predicting women's well-being in midlife: The importance of personality development and social role involvements. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 72, n. 5, p. 1147, 1997.



RELISE

207

WILLIAMS, C. C. (2008). The motives of off-the-books entrepreneurs: necessity- or opportunity-driven? **Springer Science**, n. 5, p. 203-217, 2008.

_____, C. C.; ROUND, J. Evaluating informal entrepreneurs' motives: evidence from Moscow. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 15, n. 1, p. 94-107, 2009.

WILLIAMS, N.; WILLIAMS, C. C. Beyond necessity versus opportunity entrepreneurship: some lessons from English deprived urban neighborhoods. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 10, n. 1, 23-40, 2014.